



SACANNONE, Juan Carlos. *A teologia do povo: Raízes teológicas do Papa Francisco*. São Paulo: Paulinas, 2019.

Marcus Vinicius de Souza Nunes*

Juan Carlos Scannone (1931-2019), recentemente falecido, é um dos grandes teólogos latino-americanos e um dos pais da Teologia do Povo. Jesuíta, foi professor de grego de Jorge Mario Bergoglio, futuro Papa Francisco, e por muitos anos diretor da prestigiosa revista *La Civiltà Cattolica*. No seu livro *A teologia do povo, raízes teológicas do Papa Francisco* apresenta uma síntese dos elementos teológicos fundamentais que compõem o magistério de seu confrade.

Não se trata de atribuir uma afiliação explícita do Papa Francisco, enquanto Sumo Pontífice, à Teologia do Povo (doravante TP), mas de indicar como temas elaborados por essa corrente se repetem no magistério pontifical de forma universalizada. Em outras palavras, se trata de perceber como as problemáticas mais caras do ensino de Francisco foram gestadas em uma sólida base teológica enraizada na realidade latino-americana e, mais especificamente, argentina.

O livro se desenvolve em três partes. Na primeira, Scannone faz o percurso histórico da constituição da TP, logo após o Concílio Vaticano II, depois sob forte influência Da conferência de Medellín em 1968, até os dias atuais, passando pelos principais nomes, pastores e teólogos, que contribuíram para sua elaboração. Dá especial relevo à figura de Lucio Gera, considerado o mais importante teólogo da TP.

A segunda parte do livro se detém na análise dos principais conceitos operativos da TP, suas articulações com diversos campos do saber teológico e de outros saberes, as principais problemáticas pensadas a partir da realidade latino-americana. Nessa parte Scannone também nos apresenta como as problemáticas específicas da TP podem ser universalizadas como temas globais da teologia, isto é, demonstra-nos como sua epistemologia é válida para a produção do saber teológico não só na

* Mestre em Educação (Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2014).
Graduado em Filosofia (Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2011).
Bacharelado em Teologia (Faculdade católica de Santa Catarina, Florianópolis).
E-mail: mvinicius.snunes@gmail.com



América Latina, mas em vários contextos sociais. Este ponto é importante para adentrarmos na terceira parte da obra, que é a apresentação do magistério de Francisco sob a luz da TP. Conceitos, temas, problemas, enfoques, práticas parecem repetir-se ou, ao menos, inspirar-se nesse modo específico do fazer teológico.

Detenhamo-nos mais pormenorizadamente na leitura de cada uma dessas partes. A primeira, intitulada “Abordagem histórica”, faz um balanço do cenário latino-americano e argentino nas décadas de 1960 e 1970 nos quais se desenvolveram as linhas fundamentais da TP. “Embora se possa falar de uma teologia argentina antes do Concílio Vaticano II”¹, é o mesmo processo de implantação do Concílio a partir da cultura dos povos latino-americanos que engendra a necessidade de uma teologia com rosto próprio. A primeira, ou talvez, mais conhecida ou pungente resposta a essa necessidade foi a “Teologia da Libertação” (doravante TdL). Já em 1968, antes da Conferência do Episcopado Latino-Americano (CELAM) em Medellín o teólogo Gustavo Gutiérrez dera uma conferência que se intitulara “Para uma Teologia da Libertação”, dando pois nome ao movimento que se engendrava. A TP se inclui nesse grande esforço teológico do Sul Global na reflexão a partir de categorias próprias, filiando-se à TdL com suas especificidades.

Outro fato histórico importante para a compreensão do surgimento da TP é a criação na Argentina em 1966 da Comissão Episcopal de Pastoral (COEPAL), com a participação de importantes teólogos como Lucio Gera, professor da Faculdade de Teologia de Buenos Aires, e também de pastores reconhecidos na sua luta pelos direitos dos mais pobres, como Mons. Angelelli.

Sacannone ressalta que as opções conceituais e pastorais da COEPAL foram diferentes daquelas feitas pela TdL na maior parte do continente. Enquanto a TdL centrou-se na categoria “pobre” como lugar teológico privilegiado e na análise socioeconômica como principal metodologia auxiliar, a TP preferiu a categoria “povo” como *locus theologicus*, na sua dupla acepção, como *povo-nação* e como *povo-classes populares*. E como metodologia auxiliar uma ampla hermenêutica da cultura, alimentada por diversas ciências humanas.

Entretanto, Scannone crê que a opção preferencial pelos pobres, como afirmada em Medellín (1968) e reafirmada em Puebla (1979) em

¹ SCANNONE, 2019, p. 22.



nada se opõe com a opção da COEPAL pela “evangelização da cultura e dos povos”².

Após uma longa leitura das várias condicionantes do surgimento da TP, como a situação política, econômica e cultural da Argentina, acompanhando o desenvolvimento da reflexão teológica até a última geração de teólogos do povo, e incluindo a si mesmo nessa tradição, Scannone apresenta o teólogo Gera como o maior expoente dessa tradição e que, possivelmente, mais tem influenciado o magistério do Papa Francisco, como se depreende da leitura da *Evangelii Gaudium*³.

Scannone apresenta os principais conceitos da obra de Gera. Sem dúvida, entre eles está o de povo na dupla articulação já mencionada, como nação e como setores populares. Fazer uma teologia *do* povo e *desde* o povo é para Gera ser capaz de fazer uma pastoral atenta aos clamores das culturas em que se encontra a Igreja, a “capacidade do pastor de descobrir aqui e agora novas respostas diante de novos desafios, num momento preciso de sua história”⁴. Uma nova postura pastoral exige, por sua vez, uma nova metodologia, que apesar de não abandonar a academia e sua rigidez, também necessária, opta pela “valorização de outro conhecimento, mais existencial, pela via de identificação afetiva”⁵.

A partir dessas noções, Gera quer recuperar para a teologia a experiência da religiosidade popular como um saber próprio do povo, que se tornará tão importante na teologia latino-americana, e ocupará importante papel na redação do *Documento de Aparecida*. Outros temas também são recorrentes na obra de Gera, como a dependência e a libertação, a renovação da evangelização, mas sempre a partir da chave do povo historicamente determinado como o lugar da encarnação do Povo de Deus.

“Para uma teologia inculturada” é o nome da segunda parte do livro de Scannone. É uma elaboração mais apurada dos principais conceitos da TP a partir da problemática da inculturação teológica⁶. Esta questão tem um sentido mais amplo, não se trata apenas da inculturação de elementos teológicos universais na TP, mas como a mesma TP pode oferecer uma

² SCANNONE, 2019, p. 26.

³ SCANNONE, 2019, p. 47.

⁴ SCANNONE, 2019, p. 49.

⁵ SCANNONE, 2019, p. 49.

⁶ SCANNONE, 2019, p. 65.



reflexão universalizável, que possa ser inculturada em diversos contextos eclesiais diferentes.

Scannone enumera nessa parte e elucida os elementos epistemológicos constituintes da TP: o catolicismo popular e sua revalorização, a contribuição das ciências humanas, a práxis e teologia da pastoral popular. Não menos importante, destaca a necessidade de a teologia ouvir a sabedoria popular como verdadeiro lugar de reflexão teológica, não só teologizável, mas teologizante. Aqui, é mister lembrar que essa sabedoria é fruto de um povo mestiço, sob várias influências, e que deve ser acolhido na sua integridade⁷. Isso, segundo Scannone, deve levar o teólogo a um esforço em prol da unidade nacional e fraternidade, rechaçando a conflitividade e toda forma de dominação.

A terceira parte, “Perspectivas teológico-pastorais do Papa Francisco”, apresenta no magistério de Francisco os elementos que reportam-se à TP. Antes, todavia, Scannone chama atenção às mudanças de paradigma na filosofia, nas ciências e na cultura durante o século XX às quais a teologia teve de responder, mudando também seu paradigma e método correspondente. *A Gaudium et Spes* é o documento do Concílio Vaticano II que melhor evidencia essas mudanças, especialmente no que se refere à elaboração de uma nova ética social⁸.

O magistério do Papa Francisco, segundo Scannone, tenta dar conta da implantação desse projeto do Concílio, de uma “agenda inacabada”⁹, que intui as transformações necessárias mas que não conseguiu levá-las a cabo. *A Evangelii Gaudium*, em sintonia com essa necessidade, recupera um conteúdo ao mesmo antigo e novo, pois “a opção evangélica pelos pobres sempre existiu na comunidade cristã, mas a novidade, comparável a uma irrupção, consiste na *tomada de consciência da injustiça estrutural*”¹⁰(grifo no texto). Na esteira dessa necessidade, Francisco tem repetido veementes condenações a um paradigma sociocultural excludente, tecnocentrado. Urge a construção de um novo paradigma, centrado na vida e na promoção da pessoa humana.

⁷ SCANNONE, 2019, p. 129.

⁸ SCANNONE, 2019, p. 188.

⁹ SCANNONE, 2019, p. 183.

¹⁰ SCANNONE, 2019, p. 194.



Marca característica do magistério de Francisco e enraizada na TP é a valorização da “mística popular”¹¹. Esta é um lugar privilegiado onde se dá a evangelização da cultura e onde novos métodos são requisitados. Ademais, na sua teologia ressalta-se a ideia de um único Povo de Deus que tem numerosos rostos, o que ainda mais põe em relevo essa marca da TP, que é sua capacidade de universalização, já que todo povo é a inculturação do único Povo de Deus.

Por fim, e não de somenos, a prática central da pastoral de Francisco, típica do método da TP, baseada na máxima “a realidade é superior à ideia”¹². Tomar essa proposição como mote da ação pastoral implica o abandono de toda forma de dogmatismo, de apriorismo teológico, e sair à escuta das pessoas reais, concretas, em sua situação sócio-histórica. É, como já dito, uma forma existencial de fazer teologia.

¹¹ SCANNONE, 2019, p. 217.

¹² SCANNONE, 2019, p. 268.